

INSTINTOS E ANIMAL SPIRIT: AS CONTRIBUIÇÕES VEBLENIANA E KEYNESIANA PARA O ENTENDIMENTO DAS DECISÕES HUMANAS

INSTINCTS AND ANIMAL SPIRIT: THE VEBLENIAN AND KEYNESIAN
CONTRIBUTIONS TO UNDERSTANDING HUMAN DECISIONS

Herton Castiglioni Lopes¹

Submetido em: agosto de 2019

Aceito em: novembro de 2024

RESUMO

O objetivo do texto é discutir as decisões de investimento propondo tratar o *animal spirit* dos empreendedores a partir de um instinto humano que recebe influência do ambiente sócio institucional. Para Keynes, as decisões de investimento são permeadas de incerteza e o *animal spirit* tem papel fundamental porque estimula a ação dos empreendedores mesmo sem as concretas possibilidades de análise dos cenários futuros. Já em Veblen, os instintos representam os fins últimos da ação humana que, sob influência dos hábitos e instituições sociais, definem a forma de ação em determinadas circunstâncias. Portanto, a partir da teoria keynesiana e das leituras pós-keynesianas demonstra-se que o *animal spirit* apresenta estreita relação com o conceito de instintos proposto por Veblen, ambos representando uma propensão para ação que faz parte da natureza dos indivíduos e afeta os investimentos produtivos em condições de incerteza.

Palavras-chave: Veblen, pós-keynesianos, instintos, *animal spirit*, investimentos produtivos.

1 Doutor em Economia pela UFRGS. Professor Associado da UFFS. E-mail: herton.lobes@uffs.edu.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3539-1729>.

ABSTRACT

The aim of the text is to discuss the investment decisions proposing to treat the animal spirit of the entrepreneurs from a human instinct that receives influence from the social and institutional environment. For Keynes, investment decisions are permeated with uncertainty and the animal spirit plays a fundamental role because it stimulates the action of the entrepreneurs even without the concrete possibilities of analyzing the future scenarios. In Veblen, instincts represent the ultimate ends of human action which, under the influence of social habits and institutions, define the form of action in some circumstances. Therefore based on Keynesian theory and post-Keynesian readings we demonstrated that animal spirit is closely related to Veblen's concept of instincts, both of which represent a propensity for action that is part of the nature of individuals and affects productive investments under conditions of uncertainty.

Keywords: Veblen, post-Keynesians, instincts, animal spirit, productive investments.

Classificação JEL: B15; B22; B25

1. INTRODUÇÃO

As ações humanas e seus determinantes sempre foram uma das maiores preocupações dos economistas. Enquanto a abordagem tradicional trata as escolhas a partir de um processo que envolve cálculos maximizadores, abordagens alternativas procuram analisar as decisões de forma diferenciada, enfatizando a impossibilidade de resultados ótimos, seja porque as limitações cognitivas não permitem a consideração de todas as possibilidades de ação, seja porque o ambiente econômico é complexo e sujeito a mudanças radicais e imprevisíveis. Quando se trata de analisar o real funcionamento de uma economia capitalista, J. M. Keynes e T. B. Veblen desenvolveram teorias que seguem essa linha de raciocínio. Ao invés incorporar suas abordagens ao núcleo teórico do *mainstream*², as análises pós-keynesianas e de institucionalistas veblenianos procuram manter fidelidade aos escritos originais de seus precursores, avançando em conceitos que permitem uma melhor explicação dos determinantes das ações individuais.

No institucionalismo derivado de Veblen se reconhece que as

2 Os novos-keynesianos e novos institucionalistas são exemplos de abordagens teóricas que procuram incorporar os principais conceitos de Keynes e do institucionalismo original à tradição neoclássica.

instituições são importantes para as decisões. Enquanto em algumas abordagens institucionalistas contemporâneas a finalidade das instituições é apenas de reduzir custos de transação, no institucionalismo de Veblen elas resultam da interação humana e possuem uma conotação mais ampla que as regras formais, cujo objetivo fundamental é restringir o comportamento individual³. Elas fazem parte do modo de vida das pessoas e surgem de um processo evolucionário que atua sobre indivíduos e suas formas de pensar. Nesse mecanismo de interação entre instituições e indivíduos, as ações individuais aparecem afetadas pelos instintos; fins últimos da ação sob os quais se estabelecem comportamentos e se desenvolvem hábitos que permitem atingir metas específicas. Enquanto no institucionalismo derivado de Veblen é reconhecido o papel dos instintos nas deliberações individuais, em Keynes, as ações, particularmente as de investimento, são influenciadas pelo *animal spirit*, uma propensão para ação mesmo em face à incerteza. Embora os pós-keynesianos reconheçam o papel desempenhado pelas convenções, instituições e aprendizagem, Keynes (1936) reservou função importante para o *animal spirit* dos empreendedores.

Neste trabalho, o objetivo é construir uma ponte teórica que interligue o conceito de *animal spirit* keynesiano com a proposta de instinto desenvolvido por Veblen. Objetiva-se, com isso, contribuir no entendimento das decisões humanas, particularmente as associadas aos investimentos produtivos. A hipótese é que existe forte relação entre os dois conceitos e que a complementaridade entre ambos ajuda a explicar o comportamento dos empreendedores e seu efeito no desempenho econômico. Trabalhos que tratam o *animal spirit* como um instinto do empreendedor não são novidade na literatura econômica. Keynes (1936), contestando a teoria tradicional, afirma que mesmo quando algumas previsões são possíveis, a decisão é dependente de um estímulo inerente à natureza do empreendedor. Nos autores pós-keynesianos, esse tratamento do *animal spirit* aparece de forma mais evidente quando este é definido como uma propensão humana mais para ação que inação (cf. Dow e Dow, 2011). De forma mais objetiva, Terzi (1999) e Pessali (2006) afirmam que o

3 R. Coase; O. Williamson e D. North são autores contemporâneos que tratam as instituições a partir de sua finalidade específica. Isto é, reduzir custos de transação presentes na utilização dos mercados.

animal spirit, na obra de Keynes, refere-se conclusivamente a um instinto humano, tal como descrito na obra Veblen.

Ainda que a relação entre as proposições de *animal spirit* e instintos existam na literatura, as referências pouco avançam no desdobramento desse tema em específico. As comparações normalmente enfocam relações mais gerais entre abordagens institucionalistas e pós-keynesianas (tais como o papel das instituições, das expectativas, da incerteza com seu devido reflexo nas ações individuais, entre outras)⁴ do que uma análise particular dos conceitos.

Com vistas a avançar nessa discussão e estabelecer uma relação conceitual evidente entre os instintos veblenianos e o *animal spirit* keynesiano, o trabalho apresenta-se assim estruturado: além desta introdução, a seção 2 trata a relação entre comportamento humano e instintos na teoria de Veblen, incorporando o papel das instituições e sua influência na deliberação individual. A seção 3 discute o *animal spirit* na teoria keynesiana. Argumenta-se que em um ambiente permeado de incerteza, as decisões dos empreendedores demandam o exercício da ação, mesmo que os resultados das escolhas não possam ser previstos pelos investidores. Na seção 4 é feita a discussão sobre a possibilidade de conciliação teórica e como ela ajuda no entendimento das decisões humanas. Finalmente apresentam-se as considerações finais (seção 5).

2. COMPORTAMENTO E INSTINTO NO INSTITUCIONALISMO DE VEBLÉN

Na proposta evolucionária de Veblen normalmente o conceito de instituição e sua influência no modo de vida das pessoas é o fator mais lembrado. As instituições são definidas como um conjunto de hábitos mentais compartilhados que repercutem sobre as deliberações e ações individuais. Tais ações, contudo, são guiadas por propósitos específicos que apresentam estreita relação com os instintos humanos. Embora possam ser diversos e relacionados à sobrevivência dos indivíduos, nesta proposta dois

4 Dequech (2004), Conceição (2008), Ferrari e Conceição (2005) e Hodgson (1998) são alguns exemplos de autores que seguem essa conexão teórica.

instintos analisados por Veblen são particularmente importantes. Trata-se do instinto industrial e do instinto predatório⁵ que, em conjunto com a propensão para emulação (pecuniária), podem estimular comportamentos antagônicos que afetam as decisões sob determinadas circunstâncias.

O instinto industrial diz respeito à propensão dos seres humanos para o trabalho produtivo bem realizado. Enquanto a teoria tradicional argumenta que os agentes fazem cálculos racionais de prazer e sofrimento e que o trabalho seria uma dor necessária à satisfação que decorre do consumo, Veblen (1898a) constata que a aversão ao trabalho produtivo não é um fenômeno intrínseco ao indivíduo. Se fosse, possivelmente a humanidade seria extinta porque sua reprodução depende da satisfação de necessidades básicas, somente alcançadas com o trabalho. Para Veblen esse instinto tenderia a ser predominante porque os avanços materiais a que chegamos seriam impossíveis sem um trabalho produtivo bem realizado e prazeroso⁶. Esse instinto para o “trabalho bem feito e imbuído de propósito”, teria, ainda, criado hábitos de vida pacíficos e industriais, onde predomina a cooperação ao invés de hábitos conflituosos e destrutivos.

Embora o instinto para o artesanato pertença à natureza humana, Veblen (1898a) admite a possibilidade de sua supressão pelo instinto predatório, cujo propósito fundamental é a exploração e subjugação de algumas pessoas por outras⁷. Tal instinto remete à atividades que não se destinam diretamente a melhoria de vida da coletividade (aumento da riqueza social), sendo vistas apenas como sinônimo de coragem e honradez individual. O instinto ainda dá origem a comportamentos que podem sobrepor-se às tarefas diárias e rotineiras que passam a ser vistas como enfadonhas, inferiores e pouco desejadas pelos membros de um grupo.

Quando as atividades predatórias se tornam admiradas (sinal de superioridade) e as laboriosas passam a ser inferiorizadas e destinadas a indivíduos que ocupam papel secundário na cadeia hierárquica social, a

5 Originalmente tratados como “instinct of workmanship” e “predatory instinct”.

6 Nas suas palavras: [...] there is a considerable body of evidence, both from cultural history and from the present-day phenomena of human life, which traverses this conventionally accepted view that makes man generically a sportsman (Veblen, 1898a, p. 04)

7 Para Veblen (2007, p. 25): “The predatory instinct and the consequent approbation of predatory efficiency are deeply ingrained in the habits of thought of those peoples who have passed under the discipline of a protracted predatory culture”.

propensão para emulação passa a desempenhar papel nada desprezível na institucionalização do modo de vida predatório. A necessidade de submeter determinadas pessoas às vontades individuais, segundo Veblen, passa a operar um processo seletivo que contribui para institucionalização da cultura predatória que se perpetua devido ao poder e prestígio social que representa. Em função do processo de seleção e adaptação que opera nas sociedades, seria possível que esse instinto se tornasse predominante em relação aos demais⁸, instituindo uma cultura de valorização do poder pessoal em detrimento de atividades cooperativas e destinadas a ampliação da riqueza social.

Ao discorrer sobre a era industrial, contrapondo-a com o período da barbárie, Veblen (2007) destaca a supremacia do instinto industrial, mesmo que o predatório permaneça inerte nos seres humanos. Contudo, na medida em que avança a produtividade, as façanhas predatórias passam a ser copiadas, abrindo espaço tanto para o ócio como para o consumo conspícuos. A instituição da “Classe Ociosa” aparece como uma manifestação do instinto predatório e da aversão ao trabalho produtivo. Historicamente, ela teve origem na transição da selvageria primitiva para barbárie e seu aparecimento coincide com dois fatores: a) a existência de um modo de vida predatório bem desenvolvido e; b) a geração de excedente que permite a sobrevivência de membros do grupo, sem que eles desempenhem atividades construtivas.

Na sociedade industrial de Veblen (2007) a institucionalização da classe ociosa faz o trabalho produtivo ser visto como desonroso, enaltece o consumo conspícuo e exalta a possibilidade de o ser humano sobreviver sem a necessidade de vinculação direta com o trabalho. O processo de emulação faria seu papel ao tornar esse modo de vida desejado por uma parcela significativa da população. Afirma Veblen (2007, p. 75): “*With the exception of the instinct of self-preservation, the propensity for emulation is probably the strongest and most alert and persistent of the economic motives proper*”

Embora o autor tenha tratado as propensões para o trabalho produtivo,

8 As mulheres, na visão de Veblen (1898), seriam as principais vítimas desse processo.

para exploração/subjugação como sinônimo de instintos, não quis dizer que o comportamento instintivo do ser humano era análogo ao dos animais. Veblen se referiu aos instintos como propensões mais gerais que podiam ser encontradas em pessoas expostas à determinados contextos culturais. Clarence Ayres, por exemplo, reconheceu que os instintos veblenianos estão longe de qualquer comportamento inato ou geneticamente determinado, sendo muito mais resultado de fatores culturalmente instituídos (Hunt e Lautzenheiser, 2013). A aparente contradição sobre a natureza dos instintos (características inatas ou adquiridas) desaparece, segundo Hodgson (2005), quando se observa que Veblen trata de forma diferente instinto e comportamento instintivo. Enquanto o primeiro não pode ser alterado, o segundo pode ser reprimido ou modificado por meio de restrições, hábitos ou pela força de vontade⁹. Por outro lado, Barnett (2017), referindo-se a obra *The Instinct of Workmanship and the State of the Industrial Arts*, afirma que Veblen pontuou a diferença entre os instintos simples e os complexos¹⁰. Barnett (2017) observa que enquanto os primeiros se aproximam mais de sensibilidades tropismáticas ou impulsos comportamentais involuntários, os instintos complexos são muito mais extensos que os orgânicos e incluem vários instintos básicos, agrupados para servir a uma função emergente ou de ordem superior comum.

Ainda que os instintos sejam moldados culturalmente, são considerados demasiadamente rígidos em face ao complexo processo evolucionário que atua no ambiente social. Enquanto os instintos representam os fins últimos da ação humana, propensões rígidas, os hábitos seriam um mecanismo mais flexível, desenvolvidos para lidar com as dificuldades impostas pelo ambiente. Nas palavras de Hodgson (2005, p. 8): “*In comparison to instinct, habit is a relatively flexible means of adapting to complexity, disturbance and unpredictable change*”. Ao demonstrar que os instintos humanos estão relacionados à fatores institucionais, Veblen não apenas forneceu subsídios para explicação do comportamento individual,

9 Segundo Hodgson (2005), o instinto sexual é biologicamente herdado e inato, mas pode assumir uma variedade de formas comportamentais, dependendo de influências culturais e outras.

10 Exemplos de instintos simples seriam: “the hunger instinct, the anger instinct, the sex instinct, the gregarious instinct, the repulsion instinct, the pugnacity instinct, the reproduction instinct, the nutrition instinct, and the cooperation or reciprocity instinct”. Por outro lado, instintos complexos seriam: “the workmanship instinct, the parental instinct, the beauty instinct, the play instinct, and the curiosity instinct” (BARNETT, 2017)

mas abriu espaço para desdobramentos teóricos recentes que procuram explicar as repercussões das instituições no modo de vida de cada pessoas. Hodgson (2010), por exemplo, descreve a forte inter-relação conceitual entre instintos, hábitos, instituições e comportamento, ao mesmo tempo em que afirma ser a constituição de tais elementos explicável somente a partir de uma metodologia histórica e evolucionária. Isto é, aquela capaz de demonstrar o processo de seleção e adaptação que ocorre no ambiente sociocultural.

Partindo das ideias de Veblen, Hodgson (2005) afirma que os instintos representam os fins últimos da ação humana. Para que essas metas objetivas possam ser alcançadas, o autor reconhece a necessidade de um elemento cognitivo intermediário capaz permitir ações em acordo com o contexto cultural prevalecente. Os hábitos, então, emergem como formas de pensar capazes de desencadear modos de agir socialmente aceitos, evitando comportamentos desapropriados para o estágio de desenvolvimento social.

Juntamente com os instintos, os hábitos aparecem ainda como determinantes das crenças sociais, fundamentando a deliberação, a ação e dando sentido à existência de determinadas instituições sociais. Enquanto Veblen define as instituições como hábitos compartilhados de pensamento (Veblen, 2007), Hodgson (2006) as trata como um sistema de regras sociais que tem no hábito o mecanismo responsável pelo seu enraizamento na vida social. Ao contrário do que demonstram algumas correntes institucionalistas recentes, o mecanismo que faz das instituições elementos duradouros na sociedade não é o simples estabelecimento de restrições e de mecanismos que coíbem e punem certos comportamentos, mas sua aderência às crenças individuais; algo que somente pode ser entendido a partir da habituação¹¹.

Depois que instintos e hábitos formam crenças sobre determinadas

11 Segundo Veblen (1989, p. 32): “[...] uma norma definida permanece em vigor somente quando tem o apoio do hábito ou aptidão que constitui o critério de seu desenvolvimento, ou pelo menos não é incompatível com ele. Hodgson (2006) amplia a consideração de Veblen descrevendo as regras como arranjos ou disposições transmitidas socialmente e potencialmente codificáveis (na circunstância X se deve fazer Y). Já as *convenções* são instâncias particulares das regras. E as *organizações* são instituições especiais que envolvem: 1) o critério para estabelecer suas fronteiras e distinguir os seus membros dos não membros; 2) princípios de poder em relação a quem está no comando; e 3) cadeias de comando, delineando responsabilidades para dentro da organização.

escolhas e que o processo de deliberação dá origem ao comportamento, o pressuposto evolucionário opera também sobre as ações individuais. Ao estarem sujeitas a um processo de seleção natural abre-se a possibilidade para que determinados instintos sejam perpetuados dentro de uma população. Estas mesmas ações, além de sofrerem a seleção natural, serão sujeitas à seleção cultural, pois ao serem aceitas na coletividade reforçam os hábitos e as crenças sobre os comportamentos desencadeados. O processo de emulação a que Veblen (1989) se refere acontece quando determinados comportamentos são socialmente aceitos, representam prestígio individual e passam a ser imitados pela diversidade de indivíduos que compõe a estrutura social.

Se entendidas como hábitos compartilhados de pensamento, a emergência de instituições não pode ser dissociada dos instintos, das crenças e das ações. Por obviedade, não pode ser analisada sem um adequado entendimento do indivíduo. Veblen (1898b) criticou abertamente a ideia de que o ser humano deveria ser tratado como um “calculador relâmpago” capaz de contornar tanto as limitações cognitivas como a complexidade ambiental. Ao invés disso, viu as pessoas como seres dotados de hábitos e propensões. Seres que faziam deliberações de acordo com o contexto, o conhecimento adquirido e as experiências acumuladas ao longo do tempo.

O indivíduo racional e maximizador é substituído por um ser que age sob influência institucional ao mesmo tempo em que seus hábitos e rotinas são importantes para reforçar a estrutura de funcionamento da sociedade. Os instintos humanos influenciam na formação de hábitos de vida e estes, ao darem consistência ao sistema de regras sociais enraizadas, são reconhecidos como suporte das instituições socioeconômicas. A relação entre indivíduos e instituições, na visão de Hodgson (2000) é o que define as características do “institucionalismo original”, pois os indivíduos não aparecem como reféns das estruturas sociais, como afirmam adeptos do estruturalismo metodológico, mas também não estão “soltos” no tempo e espaço, como advoga o individualismo metodológico. Indivíduos e instituições apresentam uma relação de causalidade reconstitutiva, onde as pessoas definem as instituições a partir de seus hábitos, mas, uma vez estabelecidas, as instituições agem sobre os hábitos e preferências individuais (*reconstitutive downward effect*).

3. O ANIMAL SPIRIT E AS DECISÕES HUMANAS NA ESTRUTURA DE ANÁLISE (PÓS) KEYNESIANA

Ainda que as principais ideias sobre a tomada de decisão em um ambiente complexo estivessem presentes nas diversas obras de Keynes, é no capítulo 12 da Teoria Geral que ele introduz o termo *animal spirit* como um dos fatores cruciais para as decisões, particularmente àquelas associadas ao investimento produtivo. Keynes (1936) recorre ao *animal spirit* visando superar qualquer tentativa de explicação das decisões com base nos pressupostos da racionalidade tradicional, utilizando o termo como um dos determinantes últimos da ação individual.

Se a demanda efetiva é central à teoria keynesiana (Davidson, 2005), o *animal spirit* é um elemento que auxilia no entendimento do nível de gastos dos empreendedores. Dow e Dow (2011), por exemplo, afirmam que o *animal spirit* contribui nas explicações das variações no nível de atividade econômica que ocorrem devido às mudanças na procura agregada. Na teoria de Keynes, as decisões de investimento, componente fundamental da demanda no curto prazo, poderiam ser adiadas porque a moeda, ativo fundamental de uma economia capitalista, permite postergar as decisões, inercializando *animal spirit* dos empreendedores. Se o exercício do *animal spirit* investidor tende a aumentar a demanda e o nível de atividade, a baixa disposição para ação, ou um *animal spirit* fraco (Dow e Dow, 2014) que desencadeia uma alta preferência pela liquidez, acaba por prejudicar o nível de renda, emprego e o crescimento de longo prazo, que se associa à maturação dos investimentos *ex ante* realizados.

Embora a Teoria Geral seja o primeiro espaço onde Keynes (1936) utiliza o termo *animal spirit*¹², a ideia faz parte de um amplo esforço de compreensão das decisões individuais. No *Treatise on Probability* (T.P), Keynes (1921) analisa a tomada de decisão extrapolando a ideia de que as escolhas individuais podem ser tratadas a partir de cálculos atuariais. A probabilidade a que Keynes (1921) se refere remete ao grau de crença

12 Dow e Dow (1985) afirmam que o conceito de *animal spirit*, embora apareça pela primeira vez no capítulo 12 da Teoria Geral, se relaciona com os conceitos de incerteza e confiança que Keynes (1921) trabalha no seu *Treatise on Probability*.

racional em determinadas proposições. Nas palavras do autor: “descrevem os vários graus de convicção racional a respeito de uma proposição, que diferentes proposições do conhecimento nos autorizam a acolher” (Keynes, 1921, p. 70). Este nível de crença varia conforme o peso do argumento, que depende do conhecimento à disposição ou passível de ser apropriado. Conforme argumentam Carabelli e Cedrini (2016) essa noção de probabilidade trata da razoabilidade das escolhas que emergem a partir de algum grau de crença racional, opondo-se a racionalidade substantiva que diz respeito ao conhecimento perfeito e a verdade demonstrativa do dedutivismo. Segundo o próprio Keynes (1921, p. 73): “A partir do momento em que a probabilidade matemática deixa de ser apenas álgebra, ou pretende guiar nossas decisões, ela enfrenta imediatamente problemas diante dos quais suas próprias armas são completamente destituídas de poder”.

Nesse contexto, a metodologia de análise pós-keynesiana recupera a ideia de que as decisões individuais não poderiam ser sistematizadas em lógicas abstratas que pressupunham agentes representativos. Incorporam um keynesianismo filosófico (Andrade, 2000)¹³ que objetiva entender o ser humano em interação com o ambiente. Para Dow (2001), os pós-keynesianos estão preocupados com real funcionamento de uma economia monetária onde o tratamento do tempo, a incerteza nas decisões individuais e a formação das expectativas em relação a um mundo que muda constantemente impede decisões ótimas e quantificáveis.

Se simples decisões quotidianas podem envolver resultados passivos de previsão, o caso dos investimentos produtivos está sujeito a uma série de incertezas. Keynes (1936) observa que isso ocorre porque a ampliação da capacidade produtiva demanda um período de maturação que pode abranger mudanças significativas de cenário, invalidando quaisquer previsões *ex ante* realizadas. A aceitação de que o tempo¹⁴ possui

13 Para esse autor, Keynes, antes de um economista, era um filósofo que procurou entender os fundamentos racionais dos julgamentos e das crenças nas decisões humanas.

14 Amado (2000) sistematiza as concepções de tempo utilizadas na teoria econômica. A primeira se refere ao tempo lógico que cria uma direção de causalidade em que um evento precede outro, mas a precedência possui apenas caráter lógico sem implicar a noção de tempo histórico. A segunda se refere a concepção de tempo mecânico em que a noção de tempo está presente, mas ele é reversível. A terceira se refere ao tempo histórico, que sempre flui do passado para o futuro e não é reversível, deixando o tomador de decisões sujeito a desapontamentos que ocorrem em função de decisões equivocadas. Finalmente, tem-se o tempo expectacional, que corresponde

uma sequência lógica (passado, presente e futuro) acaba criando uma preocupação especial com a incerteza e, por decorrência, com a formação de expectativas de longo prazo.¹⁵ Keynes (1937, p. 213-14) após publicação da Teoria Geral reitera:

By “uncertain” knowledge, let me explain, I do not mean merely to distinguish what is known for certain from what is only probable. The game of roulette is not subject, in this sense, to uncertainty; nor is the prospect of a Victory bond being drawn. Or, again, the expectation of life is only slightly uncertain. Even the weather is only moderately uncertain. The sense in which I am using the term is that in which the prospect of a European war is uncertain, or the price of copper and the rate of interest twenty years hence, or the obsolescence of a new invention, or the position of private wealthowners in the social system in 1970. About these matters there is no scientific basis on which to form any calculable probability whatever. We simply do not know.

Partindo da teoria keynesiana, recentemente Dow (2016) sistematizou o tratamento da incerteza a partir de uma perspectiva “dualista” e outra “não dualista”. Referindo-se ao real funcionamento de uma economia monetária a autora demonstra que as decisões individuais estão sujeitas a uma incerteza que apresenta vários graus e que escolhas com base em probabilidades¹⁶ quantificáveis, definidas a partir de uma distribuição de frequência, seriam apenas um caso especial ao passo que a existência de incerteza fundamental (não quantificável) representaria o caso mais geral (Dow, 2016). Em Dequech (2004) as decisões são reflexo da forma como

ao momento da tomada de decisão cuja única base são as expectativas formadas subjetivamente. Essas duas últimas seriam as bases de análise do tempo na teoria de Keynes.

15 Uma frase normalmente lembrada pelos autores pós-keynesianos é a de Minsky (1998, p. 72): “To understand Keynes it is necessary to understand his sophisticated view about uncertainty, and the importance of uncertainty in his vision of the economic process. Keynes without uncertainty is something like *Hamlet* without the Prince”

16 Para Dow (2010), no TP. Keynes (1921) explorou os motivos que levavam ao estabelecimento de determinadas crenças e como elas afetavam a ação.

os agentes geram suas expectativas em relação ao futuro e a dimensão epistemológica da incerteza assume contornos nada desprezíveis¹⁷.

Embora os empreendedores cerquem-se de todas as informações passíveis de serem apropriadas e façam a previsão dos inúmeros cenários futuros, a incerteza implica que os investimentos produtivos são fortemente dependentes do temperamento individual do empresário (*sanguine temperament*) (Keynes, 1936, p.150). Mesmo que as decisões individuais resultem do nível de confiança nas expectativas e esta confiança seja uma função do peso do argumento e da quantidade de evidências relevantes em relação às irrelevantes (do conhecimento, que resultaria da experiência passada, da opinião de especialistas e de convenções que agiriam no sentido de fortalecer determinados julgamentos) [c.f. Dow (2012)], em alguns casos o peso do argumento pode ser indeterminado porque mais evidências e maior peso poderiam estar associados a um resultado pouco provável ou, ainda, agiriam no sentido de revelar novos domínios de ignorância. Nas palavras de Keynes (1921, p.74) [...] é comum afirmar que uma opinião é provável, com base nas evidências inicialmente à mão, tornou-se insustentável diante de outras informações¹⁸. Portanto, se o peso do argumento é indefinido, uma vez que pode mudar com a mudança de julgamentos (novas evidências e novas ideias sobre a relevância), a confiança também é indeterminada e sujeita a alterações¹⁸.

À essa indeterminação soma-se o fato de o próprio ambiente estar suscetível a mudanças que ocorrem a partir da ação dos próprios empreendedores. Davidson (1994) referiu-se ao conceito não ergódico de incerteza, relacionado a um futuro incerto, transmutável e que está para ser criado pela ação dos indivíduos e grupos (associações, cartéis, governos, etc). Essas alterações de cenário, provocadas pelas próprias ações individuais remetem ainda ao conceito de organicidade discutido a partir de Keynes (1926)¹⁹. Trata-se do entendimento de que os elementos

17 Dequech (2004) desenvolve uma argumentação sobre a natureza da incerteza, demonstrando que a forma como os indivíduos interpretam o ambiente (incerteza epistemológica) não pode estar dissociada da realidade em que vivem (incerteza do tipo ontológica).

18 É o reconhece Minsky (1998) ao afirmar que a tomada de decisão está sujeita a fatores subjetivos que operam o peso do argumento e o nível de confiança em uma proposição. Em períodos de crise, por exemplo, a confiança dos indivíduos e relação ao futuro se reduz.

19 Keynes (1926, p. 262) afirma: "We are faced at every turn with the problems of an organic unity, of discreteness, of discontinuity – the whole is not equal to the sum of the parts, comparisons of quantity fail us, small changes

constituintes do sistema podem mudar toda estrutura social onde atuam os indivíduos. A consequência dessa mudança é que os elementos reagem novamente alterando o cenário em um processo infinito de interações (Cardoso e Lima, 2008). Ainda que permaneça o debate sobre a metodologia organicista em Keynes²⁰, os pós-keynesianos (Carabelli, 1988; Dow, 2001; Dow e Dow, 2011; Dow, 2012) reforçam que o autor tratou a economia como um sistema aberto, orgânico, onde a criatividade, o tempo histórico e a mudança evolucionária indicam que o passado acaba por se tornar apenas um guia limitado para o futuro. Para auxiliar os indivíduos a enfrentar a incerteza decorrente de um mundo orgânico, Dow (2014) observa que a sociedade desenvolve instituições e práticas sociais que apresentam o objetivo de tornar o ambiente mais estável para tomada e decisão.

Dessa forma, mesmo criando mecanismos cognitivos para contornar as adversidades provindas da incerteza, as ações dos empreendedores acabam por depender, em algum grau, de uma propensão para ação que não pode ser explicada em termos lógicos. Ou seja, a tomada de decisão nesse ambiente complexo e onde as limitações cognitivas não são nada desprezíveis requer o exercício do *animal spirit*, representado como uma baixa aversão à incerteza que atua quando das decisões de investimento (Dow e Dow, 1985; Dow, 2010; Dow, 2014; Dequech, 1999). Embora cálculos razoáveis sejam importantes, Keynes (1936, p. 106) deixa claro que [...] *individual initiative will only be adequate when reasonable calculation is supplemented and supported by animal spirits, so that the thought of ultimate loss which often overtakes pioneers, as experience undoubtedly tells us and them, is put aside as a healthy man puts aside the expectation of death*. Contrariando a ideologia utilitarista, o autor assim define este estado de espírito:

Most, probably, of our decisions to do something positive, the full consequences of which will be drawn out over many days to come, can only be taken as a result of animal spirits of a spontaneous urge to

produce large effects, the assumptions of a uniform and homogeneous continuum are not satisfied”.

20 Veja-se, por exemplo, o texto de Corazza (2008)

action rather than inaction, and not as the outcome of a weighted average of quantitative benefits multiplied by quantitative probabilities. (KEYNES, 1936, p. 105-106)

Retomado como uma das mais importantes causas das flutuações no nível de investimentos e da demanda efetiva (Dow e Dow, 2011; Terzi, 1999), o *animal spirit* keynesiano representa um impulso espontâneo para ação que coloca a deliberação dos empreendedores muito além da previsão de resultados que se expressam em qualquer análise estatística. Isso não representa, porém, que o *animal spirit* deva ser tratado como “irracional”. Pelo contrário, Dow e Dow (2011), por exemplo, afirmam que ele não deve ser enquadrado como racional ou irracional, mas sim como um elemento cognitivo que estimula a ação dos empreendedores. Seguindo Dequech (1999), Dow (2014) afirma que este estado mental, que define uma disposição para ação ao invés da inação, apresenta-se inter-relacionado com três variáveis fundamentais. Além de uma disposição para agir em face da incerteza, o *animal spirit* assume a forma de otimismo espontâneo e se relaciona à percepção individual sobre o nível de incerteza das decisões. No primeiro caso o *animal spirit* remonta às expectativas e a um otimismo que não pode ser o plenamente justificado pela razão e evidência. No segundo, se relaciona com o nível de conhecimento e o peso do argumento que varia conforme a estrutura institucional, que fornece o conhecimento necessário para tomada de decisão em momentos específicos.

Grosso modo, e mesmo sujeito a uma excessiva simplificação, as decisões de investimento estão sujeitas a uma incerteza radical porque os agentes econômicos não podem voltar no tempo e rever suas escolhas. Mesmo assim precisam agir e suas decisões, na teoria de Keynes, estão muito mais alicerçadas na formação de expectativas e no nível de confiança a elas atribuído. Ainda que a formação de expectativas dependa do nível de confiança e do peso do argumento (conhecimento adquirido) uma boa parte das decisões econômicas não seria possível sem o exercício do *animal spirit*. Esta propensão para ação assume, conforme Dow (2014) características mais fortes ou mais fracas, definindo as flutuações

econômicas e a necessidade de intervenção do Estado. Ao exercerem o *animal spirit*, o contexto econômico/institucional pode ser completamente alterado, o que pode representar uma incerteza mais significativa porque o conhecimento adquirido, as convenções e instituições tornam-se incapazes de traduzir a nova realidade econômica. Por essa razão, o que levaria o empreendedor a agir, dado o considerável grau de incerteza nas decisões de investimento? Por que essa ação acontece mesmo quando o ambiente se altera e torna ainda mais difícil a compreensão do mundo real? Em outras palavras, poderia o *animal spirit* ser tratado como um instinto inerente ao empreendedor?

4. O ANIMAL SPIRIT KEYNESIANO E OS INSTINTOS DE VEBLÉN: SOBRE A POSSIBILIDADE DE CONCILIAÇÃO TEÓRICA E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA AS DECISÕES HUMANAS

Seguindo o institucionalismo de Veblen, os instintos humanos diferenciam-se dos instintos encontrados em outros animais e que dão origem a ações tropismáticas, dado que são moldados pelas circunstâncias sociais. Portanto, Veblen não tratou o comportamento humano como instintivo no sentido de este ser geneticamente determinado, mas sim como uma propensão para ação que reflete o contexto sociocultural.

Os instintos a que Veblen (1898a, 2007) se refere existem para permitir o atendimento das necessidades humanas. Na sociedade capitalista, se relacionam com a acumulação de riqueza, com o objetivo de garantir a sobrevivência ou como forma de prestígio social e emulação pecuniária. Como descreveu Veblen, existe a possibilidade de um processo de imitação transformar um modo de vida pacífico em predatório. A classe ociosa é a instituição que permite uma forma de sobrevivência que dispensa relação com o trabalho produtivo, proporcionando um meio de vida avesso à produção de bens materiais.

Nos escritos de Keynes e de autores pós-keynesianos, o *animal spirit* representa uma forma de instinto humano, relacionado à propensão para o investimento produtivo. Keynes viu o mundo como um sistema orgânico, aberto, permeado pela incerteza e onde as decisões não poderiam estar

alicerçadas unicamente nos cálculos feitos pelos homens de negócios. Diante da complexidade do ambiente e da aceitação de que as decisões não poderiam ser ótimas, os indivíduos precisavam de uma fonte psicológica de estímulo para se aventurarem em novos empreendimentos. Essa fonte de ação se encontrava no *animal spirit*, uma inquietação que fazia os homens de negócios agirem mesmo diante da imprevisibilidade que as ações presentes poderiam gerar sobre os períodos futuros.

A proposta de análise keynesiana refere-se à ampliação dos investimentos produtivos visando aumentar a lucratividade dos empreendimentos e a riqueza individual a partir do instinto construtivo/industrial. A ideia é semelhante a proposição de Veblen (1898a, 2007) que demonstra ser o instinto industrial uma propensão natural dos seres humanos que tem grande satisfação no desenvolvimento de um trabalho bem feito. Embora nas sociedades modernas a produção não seja diretamente efetuada pelo empreendedor, a organização do processo produtivo proporciona satisfação semelhante à do trabalho bem realizado.

Enquanto Keynes observou a possibilidade de os ganhos financeiros bloquearem os produtivos, aclamando a intervenção do Estado com políticas capazes de incentivar os investimentos, Veblen observou a existência de um instinto predatório capaz de colocar o ganho pecuniário acima das propensões produtivas individuais. Por essa razão sua crítica contundente à sociedade capitalista²¹, composta por uma classe ociosa e proprietários ausentes submissos ao ganho financeiro que se dissocia da produção de valor.

O *animal spirit* keynesiano pode ser visto como uma propensão para ação produtiva, portanto, relacionado ao instinto para o artesanato referido por Veblen. Contudo, o *animal spirit*, mesmo fonte de investimento e inovação, pode ser observado em negócios dissociados da atividade industrial. Dow e Dow (2011) afirmam que enquanto o *animal spirit* empreendedor deve ser estimulado, o do setor financeiro carece de regulação para que crises possam ser evitadas. Portanto, enquanto o instinto industrial se relaciona com o *animal spirit* do empresário, a exploração

21 Seria uma classe antagonica a classe operária, composta de engenheiros, trabalhadores e homens comuns cuja preocupação era com o trabalho produtivo bem realizado.

financeira tem paralelo com o instinto predatório descrito por Veblen.

Para Keynes as decisões de investimento não poderiam ser tratadas a partir da versão maximizadora neoclássica que entende o ser humano como um calculador relâmpago, conforme descreveu Veblen. Assim, o *animal spirit* de Keynes e o instinto industrial de Veblen aparecem como fonte de ação; uma propensão individual para atividade produtiva que poderia se sobrepor às atividades improdutivas/especulativas. Contudo, nos dois teóricos e nas leituras contemporâneas de suas obras, convenções coletivas são importantes para desencadear essa fonte última de ação. Em Keynes o peso do argumento, o conhecimento acumulado e a opinião de especialistas são importantes para as decisões, mas precisam ser avaliados em conjunto com esta propensão individual. Justamente por essa razão, análises keynesianas (ver Dequech, 2004) e institucionalistas (ver Hodgson, 1994) reconhecem que instituições, convenções e hábitos são uma importante forma de transmissão do conhecimento e que permitem aos indivíduos fazerem melhores julgamentos sobre as decisões econômicas.

Se entendermos os instintos de Veblen como uma propensão definida a partir de um contexto cultural evolucionário, observamos que sua formação resulta tanto de um processo de seleção natural como cultural²². Como um dos grandes críticos do capitalismo, Veblen considerou que o processo evolucionário daria origem a uma classe ociosa institucionalizada como manifestação do instinto predatório. Keynes, por sua vez, observou que numa economia monetária de produção o *animal spirit* deveria ser tratado como uma disposição dos empreendedores, caracterizados por “*individuals of sanguine temperament and constructive impulses who embarked on business as a way of life’ and who take ‘satisfaction (profit apart) in constructing a factory, a railway, a mine or a farm’* (Keynes 1936: 150). Tal afirmação denota não somente a relação do *animal spirit* com o instinto industrial, mas também ilustra uma propensão específica dos indivíduos; situada em um modo de produção historicamente datado. Se por um lado Hodgson (2005, p. 8) afirma [...] “for Veblen, instincts were not mere impulses. All instincts involve intelligence, and the manifestation

22 Segundo O’Hara (1999, p. 111): “Instincts were important to Veblen, but they were not seen as being purely physiological, biological or psychological; rather, they are heavily conditioned by institutions and habits”

of many instincts means the presence of an intention behind the act”. Dequech (1999, p. 421) reitera que o *animal spirit* não deve ser tratado como um fator puramente subjetivo ou psicológico, mas, influenciado pelo ambiente institucional²³.

Os instintos humanos, no institucionalismo de Veblen, encontram nos hábitos mentais uma forma de tornar o comportamento humano aceitável e maleável à determinados contextos. Os hábitos, ao permitirem a satisfação de determinados desejos instintivos, se tornam parte do modelo cognitivo individual e afetam a racionalidade, que se torna situada ou contextual, isto é, associada à estrutura institucional da economia. A leitura de Dow e Dow (2011) sobre o *animal spirit* avança a ponto de descrevê-lo um elemento que não deve ser tratado como racional ou irracional, mas como *arational*. Essa dificuldade analítica desaparece ao considerar-se a leitura vebleniana sobre os instintos. O instinto carrega uma finalidade específica e a própria racionalidade do ser humano desenvolve hábitos para tornar o complexo processo de deliberação mais simples e aceitável em determinadas circunstâncias. Hábitos e instintos se tornam parte da razão e não podem estar dissociados dos modelos cognitivos individuais porque estes são meios desenvolvidos pela aprendizagem para que determinados fins possam ser adequadamente alcançados. Agem, portanto, sobre a própria racionalidade, definindo formas de agir e pensar (Pessali, 2006)²⁴. O entendimento keynesiano de que o *animal spirit* poderia ser tratado como um comportamento razoável em face à incerteza (Carabelli, 1988) parece consistente quando se considera que instintos, hábitos e instituições são formas importantes de estimular comportamentos, mesmo na impossibilidade de se saber o resultado das decisões presentes sobre o ambiente futuro. Dow e Dow (2011), por exemplo, chegam a considerar o *animal spirit* uma forma de evitar a incerteza de forma ativa, ao passo que o estabelecimento de rotinas diárias para o funcionamento das organizações

23 Segundo Dequech (1999, p. 421): “Animal spirits should not be seen as purely subjective or psychological. Animal spirits are influenced by the institutional environment in which an individual operates. At the same time, some degree of subjectivity in animal spirits is inevitable. Animal spirits are partly endogenous (and the more so, the more institutions are incorporated into one’s analysis), partly exogenous. The same applies to expectations and confidence”.

24 Segundo Hodgson (2005): “[...] for Veblen, instincts were not mere impulses. All instincts involve intelligence, and the manifestation of many instincts means the presence of an intention behind the act”.

é uma forma de enfrentá-la de forma passiva, apenas reproduzindo as condições de operação do passado.

Outra questão importante é a relação do indivíduo, e seu comportamento, com a estrutura socioeconômica. No institucionalismo derivado de Veblen as metas instintivas são alcançadas por meio dos hábitos mentais e do comportamento social. Hodgson (2002, 2010, 2011) definiu a interação entre instintos, hábitos e comportamento a partir do mecanismo *reconstitutive downward causation (effect)*. O autor criticou tanto o estruturalismo como o individualismo metodológicos demonstrando que existe uma relação de causalidade das instituições para os indivíduos, podendo as primeiras mudarem as próprias preferências pessoais. Se por um lado as instituições agem sobre os indivíduos em uma interação que pode ser reconstitutiva, por outro, elas são formadas por hábitos mentais que emergem em conjunto com as crenças coletivas. Fica evidente, portanto, que os indivíduos têm capacidade de alterar a estrutura institucional a partir de ações deliberadas, principalmente quando julgarem que elas não atendem seus propósitos²⁵. Em Keynes, e nos pós-keynesianos, tal hipótese encontra paralelo no entendimento da economia como um sistema orgânico, aberto, indeterminado e em que o futuro está para ser criado. Ao exercer o *animal spirit*, os empreendedores podem modificar o cenário futuro criando novos hábitos e modificando a forma de agir previamente estabelecida.

Na tradição keynesiana a moeda é desejada nos momentos de incerteza, podendo causar paralisia nos investimentos produtivos. Essa forma de riqueza permite aos agentes postergar as decisões de gasto quando seu modelo cognitivo interpreta o ambiente como impróprio para ampliação da capacidade produtiva. Enquanto Keynes justifica a preferência pela liquidez como uma forma de proteção individual, Veblen (1989, p. 32) argumenta que algumas coisas podem ser desejadas mesmo sem uma finalidade específica. É o caso do dinheiro, pois os seres humanos teriam o hábito de acumulação pela simples acumulação, satisfazendo

25 A teoria da regulação, por exemplo, apresenta uma descrição clara de como os indivíduos podem alterar a estrutura institucional vigente principalmente nos períodos de crise econômica. A manifestação da crise leva os agentes a alterar a forma de regulação, o que, no plano microeconômico, significa a modificação de hábitos mentais (Bruno, 2004; 2005).

assim seu instinto predatório que colocaria as pessoas de posses em cadeia hierárquica superior aos desprovidos de riqueza.

Enquanto o instinto industrial de Veblen se relaciona com o *animal spirit* empreendedor de Keynes (1936), o instinto predatório seria uma manifestação da capacidade que apresenta o dinheiro de oferecer prestígio e bem estar. Na sociedade moderna, essa preferência pela liquidez não se destina apenas a uma proteção contra a incerteza. Ela pode ser um comportamento perfeitamente razoável em meio a um setor financeiro que premia a especulação em detrimento dos investimentos produtivos. Isso permite à classe ociosa se afastar da esfera industrial e manter ganhos pecuniários que viabilizam o consumo conspicuo e a manutenção do prestígio social.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta desse texto foi demonstrar a afinidade da ideia de *animal spirit* keynesiana com o conceito de instinto proposto por Veblen. Tanto Keynes como Veblen admitem ser impossível partir dos pressupostos tradicionais para avaliar as escolhas dos indivíduos. Por essa razão, considerar o *animal spirit* como um instinto humano, concebendo certa convergência entre as proposições teóricas, permite contribuições tanto no âmbito da teoria keynesiana como na teoria de Veblen. Ao incorporar-se a estrutura de análise institucionalista no campo das decisões de investimento é possível encontrar elementos que ajudam na compreensão dos fatores que levam as deliberações de gastos dos empreendedores. O *animal spirit* é um instinto que urge pela ação e os hábitos representam um meio para definir a decisão em um ambiente complexo e onde a incerteza não pode ser eliminada. Enquanto a teoria derivada de Veblen permite uma melhor compreensão do modelo cognitivo dos indivíduos, a teoria de Keynes viabiliza observar como uma decisão específica, a de investimento, molda as condições de crescimento de uma nação. Se a análise de Veblen foi muito crítica à sociedade capitalista moderna, a de Keynes foi no sentido de permitir o melhor funcionamento do modo de produção instituído, para isso mobilizando os diversos instrumentos de política econômica a

disposição do Estado.

Se o *animal spirit* empreendedor é o de maior importância para o crescimento (pela maior geração de renda e emprego), a teoria dos instintos apresentada em Veblen contribui com a teoria keynesiana ao demonstrar que alguns tipos de instintos precisam ser regulados para que maior nível de bem estar seja alcançado. Enquanto o instinto construtivo (industrial) que desencadeia o investimento produtivo é bem-vindo socialmente, o instinto predatório, característico da classe ociosa, que despreza o trabalho produtivo e enaltece os ganhos pecuniários independentes da produção, deve ser inibido para evitar a supremacia de classes improdutivas que tem no ganho financeiro a principal forma de inovação. Tal associação conceitual, embora restrita nos conceitos discutidos no texto, pode ser representada em um contexto mais amplo, pois, de uma forma geral, os institucionalistas originais (tais com J. Commons e W. Mitchell) defendiam, assim como Keynes, a ideia de que o capitalismo deveria ser regulado e que o *laissez-faire* poderia exacerbar tendências prejudiciais ao funcionamento do sistema.

Se a analogia e possibilidade de conciliação teórica entre o conceito de *animal spirit* e instintos passou a ser evidente, as implicações em termos de política econômica também o são. O *animal spirit* empreendedor, que repercute em maiores níveis de investimento produtivo, é o que merece maior atenção das autoridades. Keynes dispôs atenção especial a políticas de demanda efetiva e abriu possibilidades para estudos que considerem os diversos outros estímulos que provêm do ambiente institucional da economia. Tanto o crescimento econômico como a recuperação do nível de atividade, depois de períodos de crise, requerem políticas de estímulo ao *animal spirit* empreendedor.

Finalmente, interpretar o *animal spirit* como um instinto humano demonstra o caráter histórico e evolucionário do processo de desenvolvimento. Para atingir desejos instintivos os seres humanos desenvolvem formas de ação que são relacionadas ao momento histórico. No modo de produção instituído, tanto os investimentos produtivos como as inovações financeiras podem representar um meio de ampliar o prestígio social. O conjunto de instituições que se estabelece em determinado período definem quais ações serão aceitas entre os membros de uma coletividade.

As sociedades onde o contexto institucional não premia (ou inibe) os investimentos produtivos, os ganhos de produtividade e o progresso das técnicas serão aquelas com níveis de desenvolvimento menores daquelas onde o trabalho produtivo e o investimento na indústria são fontes de emulação.

REFERÊNCIAS

AMADO, A. M. “Limites monetários ao crescimento: Keynes e a não-neutralidade da moeda”. **Ensaio FEE**, Vol 21, n.1, 2000.

ANDRADE, R. P. de. A agenda do keynesianismo filosófico: origens e perspectivas. **Revista de Economia Política**, v. 20, n. 2, abr./jun. 2000.

BARNETT, V (2017). Veblen’s Two Types of Instinct and the Cognitive Foundations of Evolutionary-Institutional Economics. *Journal of Economic Issues*, 51 (2) 541-562.

BRUNO, M. A. P. **Crescimento econômico, mudanças estruturais e distribuição as transformações do regime de acumulação no Brasil: uma análise regulacionista**. 2004. 711 f. Tese (Doutorado em Economia) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

BRUNO, M. A. P. Macroanálise, regulação e o método uma alternativa ao holismo e ao individualismo metodológicos para uma macroeconomia histórica e institucionalista. **Revista de Economia Política**, São Paulo, v. 25, n. 4, p. 337-356 out./dez. 2005.

CARABELLI. A. *On Keynes’s Method*. London: Macmillan, 1988.

CARABELLI, A.; CEDRINI, M (2016) “This Time Is ... Complex. Keynes on Time,” working paper.

CARDOSO, F.; LIMA, G.T. A visão de Keynes do sistema econômico como um todo orgânico complexo. **Economia e Sociedade**, v. 17, n. 3, p. 359-381, 2008.

CONCEIÇÃO, O. A. C.; Ferrari Filho, F . The Concept of Uncertainty in Post Keynesian Theory and in Institutional Economics. **Journal of**

Economic Issues. New York, v. 34, n. 3, p. 579-594, 2005.

CORAZZA, G. **Aspectos metodológicos do pensamento de Keynes.** Trabalho apresentado no II Encontro Internacional da Associação Keynesiana Brasileira – Setembro/2009. Disponível em: <http://www.ppgge.ufrgs.br/akb/encontros/2009/62.pdf>

DAVIDSON, P. The Post Keynesian school. IN: SNOWDON, B., VANE, H. R. **Modern Macroeconomics: its origins, development and current state.** Cheltenham, UK: Edward Elgar, 2005.

DAVIDSON, P. **Post Keynesian Macroeconomic Theory.** Aldershot, Edward Elgar, 1994.

DEQUECH, D. Uncertainty: individuals, institutions and technology. **Cambridge Journal of Economics.** Vol. 28. n. 3, p. 365-378, 2004.

DEQUECH, D. (1999) Expectations and confidence under uncertainty. **Journal of Post Keynesian Economics.** 21(3): 415-30.

DOW. S. Uncertainty: A Diagrammatic Treatment. **Economics.** Vol. 10 January, 2016.

DOW, S. 2014. Animal Spirits and Organization. **Journal of Post-Keynesian Economics**, 37(2) : 211-231.

DOW. S. Post Keynesian methodology. IN: Holt, R. P.F.; Pressman, S. A. **New Guide to Post Keynesian Economics.** Routledge: London and New York, 2001.

DOW, S. C. Keynes on Knowledge, Expectations and Rationality. IN: PHELPS, E. S.; FRYDMAN, R. (eds), **Rethinking Expectations: the Way Forward for Macroeconomic**, Princeton University Press, 2012.

DOW , A. DOW. S.C. Animal Spirits Revisited. **Capitalism and Society.** Volume 6, Issue 2, 2011.

DOW, A; DOW, S. (1985). Animal Spirits and Rationality. In: Lawson, T ; Pesaran, H (eds), **Keynes Economics: Methodological Issues**, Croom Helm.

HODGSON, G.M. (1988). **ECONOMIA E INSTITUIÇÕES: manifesto**

por uma economia institucionalista moderna. Celta Editora, 1994.

HODGSON. G. M. The hidden persuaders: institutions and individuals in economic theory. **Cambridge Journal of Economics**, Oxford, v. 27, n. 2, p. 159-75, mar. 2002.

HODGSON. G. M. **Downward causation** - some second thoughts. Watford (UK), 2011. Disponível em: <<http://www.geoffrey-hodgson.info/downward-causation.htm>>. Acesso em: 26 ago. 2011.

HODGSON (2005). **Instinct and Habit before Reason: Comparing the Views of John Dewey, Friedrich Hayek and Thorstein Veblen.**

HODGSON. G. M. Choice, Habit and Evolution. **Journal of Evolutionary Economics**. 20(1), January 2010, pp. 1-18

HODGSON. G. M (2006). What Are Institutions? **Journal of economic issues**. Vol. XL No. 1. p. 1-25.

HODGSON, G. M., What is the essence of institutional economics? **Journal of Economic Issues** 34(2), 317–330, 2000.

HODGSON, G. M. **Post Keynesianism and Institucionalism: Another Look at the Link.** Published in in Mark Setterfield (ed.). Growth, Employment and Inflation: Essays in Honour of John Cornwall (London: Macmillan), 1998.

HUNT, E. K.; LAUTZENHEISER, M. História do pensamento econômico. Rio de Janeiro: Elsevier, 2013.

KEYNES, J. M. **Treatise on probability** (T. Szmrecsányi, Trad.). London: MacMillan and Co., 1921.

KEYNES, J M. **The General Theory of Employment, Interest and Money.** *Collected Writings* vol. VII. London: Macmillan, for the Royal Economic Society. ([1936] 1973).

KEYNES, J M. The General Theory of Employment. *The Quarterly Journal of Economics*, Vol. 51, No. 2 (Feb., 1937), pp. 209-223.

KEYNES, J.M. **Essays in Biography.** [The Collected Writings of John Maynard Keynes](#), vol. X. London: Macmillan, 1972.

MINSKY, H. P. **John Maynard Keynes**. Nova York: Columbia University Press, 1975.

O'HARA, P. A. collective social wealth. In P.A. O'Hara, ed., **Encyclopedia of Political Economy**. London: Routledge, 1999.

PESSALI, H. F. Nanofundamentos da macroeconomia: Keynes e o institucionalismo na Teoria Geral. **Revista de Economia**, vol. 32, n.2, pp. 63-79, 2006.

TERZI, A. "Animal Spirits." In P.A. O'Hara, ed., **Encyclopedia of Political Economy**. London: Routledge, 1999.

VEBLEN, T. B. (1898a). The Instinct of Workmanship and the Irksomeness of Labor. *American Journal of Sociology*, 4(2), September, 187-201. Reprinted in Veblen, Thorstein B. (1934). *Essays on Our Changing Order*, ed. Leon Ardzrooni. New York: The Viking Press.

VEBLEN, T. Why is economics not an evolutionary science?. **Quarterly Journal of Economics**. 12(4). 1898b, p. 373-397.

VEBLEN, T. B. **The Theory of the Leisure Class**. New York: Oxford University Press, 2007.